

O azar da sorte grande – Ou de minha leitura de “Premiado”, de Escobar Franelas.

João Caetano do Nascimento

Acabei a leitura de o “Premiado” de Escobar Franelas. A ação dessa novela transcorre de uma segunda-feira à tarde até quinta-feira pela manhã na vida de Farias. Ele descobre que ganhou na loteria e receberá uma fortuna capaz de alterar os rumos de sua existência de maneira radical.

Aí começa o drama. Na verdade, uma tragédia moderna. O protagonista oscila entre a euforia, o temor, a esperança e o desespero diante da questão: E agora, o que fazer com tanto dinheiro?

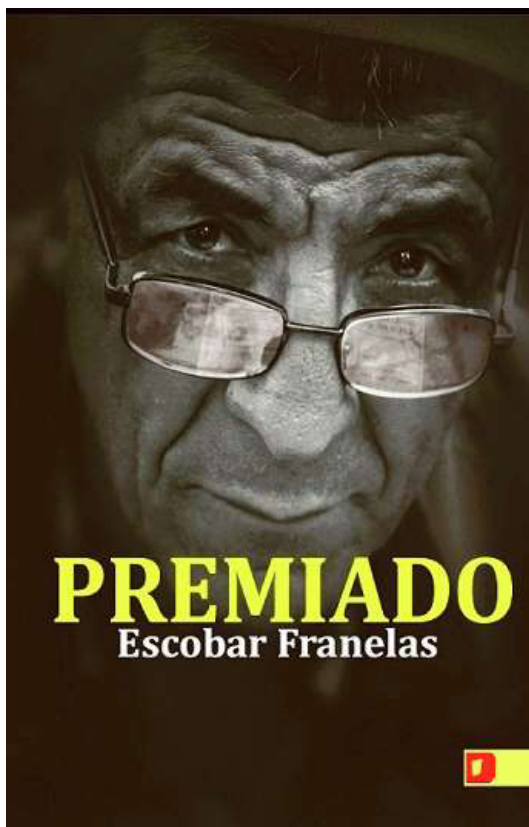
Farias terá de dar adeus à sua vida atual, com tudo o que ela tem de ruim, opressiva e sem perspectiva. No entanto, o tornar-se de um dia para o outro milionário pode não ser o paraíso idealizado. Preso num labirinto de ruas, entre idas e vindas ao trabalho, o retorno ao lar, a visita a amante, a ida ao banco, no périplo entre os bares, esse herói vai se perdendo numa jornada cada vez mais angustiante.

E o dinheiro – que seria ou deveria ser o seu instrumento de libertação dos grilhões – vai se revelando também como mais uma provável forma de escravidão.

As idas e vindas, as decisões peremptórias tomadas num momento e renegadas no instante seguinte acentuam o clima de tensão e desespero de Farias e a sua imensa solidão. Farias não revela que é o premiado nem para a mulher, filhos, amante e amigos de trabalho. Convive sozinho, enclausurado em seu segredo, com essa felicidade que surge como um castigo.

Essa indecisão do personagem é mostrada em cada fração do seu dia-a-dia. O tempo rigorosamente cronológico é um dos elementos a mais a pressionar o personagem. Contribui para isso também a linguagem, às vezes seca, às vezes terna, que ora se aproxima e ora se afasta do personagem. A estrutura geral da narrativa é aparentemente simples, mas é uma simplicidade enganosa, tecida por um autor que domina a arquitetura de seu ofício e sabe enredar o leitor.

O desespero, de quem está açulado pelo tempo como Farias, fez com que eu me lembrasse do romance “Os ratos” de Dyonélio Machado, publicado há 84 anos. Nele, o personagem principal, Naziazeno, luta contra o tempo



enquanto percorre as ruas da cidade, em busca de dinheiro para pagar ao leiteiro e garantir o alimento do filho pequeno. Quando consegue a grana, a sua aflição não diminui. Na insônia que o acomete escuta ruídos de ratos a roer o dinheiro. Curiosamente, outra publicação recente “Mil horas sem fim” de Alba Atroz me remeteu também à lembrança deste romance de Dyonélio, embora a narrativa de Escobar e Alba Atroz sejam bem diversas.

Voltando ao “Premiado”, vivemos nessas páginas a expectativa de uma decisão do personagem: criará coragem e irá receber o prêmio, vai contar para alguém, vai compartilhar a alegria e angústia, ou irá desistir? Cenas de humor amenizam esse fio tenso em que se equilibra Farias. Ele que, ao mesmo tempo em que se deleita, padece com a dificuldade de atender ao desejo de suas duas mulheres: Cleo, a esposa e Sol (Solângela), a amante.

Quando por fim Farias decide receber o dinheiro e vai até o banco, ele se defronta com um local vigiado, onde o guarda observa-o com desconfiança, o que é amenizado pela policial feminina que troca olhares com ele, mas ambos representam os guardiões de um mundo, cujo acesso está vedado a gente como ele. Já o gerente, que seria a face que se faz visível desse mundo, é alguém distante, que sequer vemos e que também não vê Farias.

As tragédias normalmente narravam as andanças e desventuras de um herói, quase sempre solitário, submetido à fúria, à maldade e ao capricho de deuses impiedosos, destinando ao herói uma jornada de dor e sofrimento. Em narrativas mais modernas, frequentemente o personagem principal é exposto a uma situação desafiante, sai de seu conforto, enfrenta o mundo, doma os obstáculos, vence e retorna ao ponto de partida. É a jornada do herói.

Farias, ao contrário, mostra-se de início bafejado pela sorte, mas essa sorte se revelará uma ironia amarga, será o peso que ele terá de suportar, enfrentar e vencer ou sucumbir.

Leitura imprescindível. Confirma o talento de Escobar Franelas. Agora, um autor mais maduro, dominando plenamente o ofício da escrita e que, como no seu romance anterior “Antes de Evanescer” envolve-nos numa narrativa marcada pela tensão e pela expectativa de que algo vai acontecer e torcemos para que não seja o pior.

O dinheiro - e a felicidade que ele pode trazer - é a desgraça a atormentar Farias que, perdido numa sociedade cuja dinâmica não compreende e que separa com muros a maioria de um grupo reduzido, daqueles que não vemos o rosto, mas que comandam nossos destinos. Eles, à guisa de escape social, permitem ilusões como a tal sorte grande, embora deixem claro a ferro e fogo que são eles que mandam e que tudo pertence a eles.

A regra do jogo é hostil. O resto é ilusão.

SERVIÇO

Premiado - Escobar Franelas - Desconcertos Editora - 120 páginas - 2019. Preço: R\$ 32,00.

João Caetano do Nascimento é escritor e jornalista. Autor de *O Absurdo*.



Ilógica da Lógica



Dez mandamentos para 2020:

Repleto de poesia, livros e leitura e que a (re)democratização dos livros e da leitura alcance resultados satisfatórios sem cortes drásticos das verbas no setor;

A Educação e Cultura não sejam jogadas em estantes empoeiradas para servirem de alimento aos xilófagos;

Os brasileiros, do Oiapoque ao Chuí, tenham acesso ao livro e à leitura e possam se nutrir dos mesmos;

A mídia deixe de narcotizar a opinião pública com fake news e notícias falsas;

Sem fome, miséria e que todos sejam mais solidários com seus semelhantes, principalmente nossos políticos;

Os seres ditos "humanos" não maltratem e trafiquem nossos animais e crianças e tenham mais afeto com o seu próximo, seja ele bicho ou homem;

NÃO à corrupção, às armas, às balas perdidas, à violência contra as mulheres, índios, negros, crianças, idosos e a todos os seres vivos;

NÃO ao desmatamento, aos agrotóxicos, ao derramamento de óleo, ao rompimento de barragens, à devastação do Planeta e do Ser Humano;

NÃO à desigualdade racial, ao preconceito, ao desemprego, ao trabalho escravo, ao sucateamento dos direitos trabalhistas e sociais do povo brasileiro;

E que Deus ilumine a cabeça dos nossos governantes e políticos para não que não sejam desmontadas as políticas em prol da Cultura, Educação, do Trabalho e da Saúde.

A ilógica da lógica, conforme termo pejorativo usado pelo presidente ao se referir ao educador:

Se uma pessoa que consegue ensinar 300 adultos a ler e escrever em apenas 45 dias é um energúmeno, então precisamos de quantos energúmenos para educar 11,3 milhões de analfabetos brasileiros?

Almejamos um 2020 repleto de "Paulos Freires", sem analfabetos, beócios, com mais verbas para a Educação e Cultura.

Desejamos aos nossos leitores, assinantes, colaboradores, clientes e amigos um Ano Novo repleto de paz, amor, saúde, com menos desigualdades sociais e raciais.

Nova Diretoria do Sindicato dos Escritores



Lejeune Mirhan Xavier de Carvalho, Elder Vieira dos Santos, Jorge Suleiman, Luisa Maria Nunes de Moura e Silva, Jeosafá Fernandez Gonçalves, Rosani Abou Adal, Nilson Araújo de Souza, Caio Plessmann de Castro, Rosanita Monteiro de Campos, Sezário Severino Silva, Leonardo Wexell Severo, Edmilson Silva Costa, Douglas Rodrigues Barros e Nathaniel Braia.

O Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo realizou Assembleia Geral Extraordinária, no dia 11 de dezembro, às 19 horas, no auditório Valdmir Herzog do Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, Rua Rego Freitas, 530 - sobreloja, para Ratificação dos Atos Administrativos e Eleição e Posse da Diretoria e Conselho Consultivo Fiscal.

A diretoria eleita e empossada para o mandato, com início em 11 de dezembro de 2019 e término em 11 de dezembro de 2022, tem como Presidente Nilson Araújo de Souza, 1ª. Vice-Presidente Rosani Abou Adal, 2º Vice-Presidente Edmilson Silva Costa, 1º Secretário Elder Vieira dos Santos, 2º Secre-

tário Jeosafá Fernandez Gonçalves, 1º Tesoureiro Jorge Suleiman e 2º Tesoureiro Caio Plessmann de Castro.

Suplentes da Diretoria: Rosanita Monteiro de Campos, Luisa Maria Nunes de Moura e Silva, Lejeune Mirhan Xavier de Carvalho, Mariana Nunes de Moura Souza, Gabriel Landi Fazzio, Douglas Rodrigues Barros e Mirlene Fátima Simões Wexell Severo.

O Conselho Fiscal tem como membros efetivos Geraldo Pereira dos Santos, Nathaniel Braia e Carlos Roberto de Moura Silva.

Suplentes do Conselho Fiscal: Sezário Severino Silva, Rosângela Zanon Monteiro e Leonardo Wexell Severo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil
Envio de comprovante, com endereço completo, para o email
linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Sebo Brandão São Paulo

Novo Endereço para melhor atendê-lo:

**Rua Conde do Pinhal, 92 -
ao lado do Fórum João Mendes**

**Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 -
sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo
<https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>**



Josué de Castro

Geraldo Pereira

Poucos, pouquíssimos homens públicos foram tão úteis à humanidade como o cientista Josué de Castro, nascido na cidade do Recife, conhecido e admirado nos quatro cantos do mundo.

Sua existência foi toda ela voltada para os mais humildes e necessitados, não só do seu Estado e da sua Pátria. A fome foi a sua grande preocupação, estudou-a profundamente e se tornou a maior autoridade mundial sobre esse problema.

Escreveu a *Geografia da Fome*, em 1946, editado pela Editora o Cruzeiro, dois anos mais tarde é a vez da *Geopolítica da Fome*, "um dos raros livros, consagrados simultaneamente nos EUA e na URSS", traduzido em 33 idiomas.

Presidiu a FAO – Fundo das Nações Unidas para Agricultura, e por duas vezes de 1952 a 1956, foi seu presidente. AFAO foi criada em Quebec – Canadá, em 16/10/1945,

Em 1954 é indicado para concorrer ao Nobel de Medicina. Nesse ano também, se elege Deputado Federal, pelo seu Estado.

Por iniciativa da FAO, foi criado o Comitê Governamental da Campanha Mundial da Luta Contra Fome, Josué de Castro é eleito seu presidente.

As atividades e compromissos, dentro e fora do Brasil, não impediram o respeitável mestre de escrever seus novos livros, em 1957: *O Livro Negro da Fome*; *Ensaio de Geografia Humana*; *Ensaio de Biologia Social*. Funda a ASCOFAM – Associação Mundial da Luta Contra a Fome. Publica *Sete Palmas de Terra e Um Caixão*, escrito para o público americano e *Homens e Caranguejos* "O primeiro e único romance, espécie de autobiografia da infância em Recife". Neste ano, conhece a China e fica impressionado com o plano do governo comunista do Mao Tse Tung.

Em 1970 é indicado para o Nobel da Paz, em 1972 ajuda a organizar a Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente Humano, reunidos em Estocolmo (Suécia).

Josué de Castro estava em plena atividade na ONU, como embai-

xador do Brasil, quando tomou conhecimento do Golpe Militar, de Abril de 1964, e que os seus direitos políticos foram suspensos por dez anos. Estava proibido de regressar.

Dias após escreve à sua filha Ana Maria:

Minha filha (...) recebi, também, sua carta de parabéns pelo aniversário, a qual me deu grande alegria. Senti você toda, nessa carta. Nela você insiste no mesmo ponto, que a vida é para ser vivida com o bom e o mau, mas sempre com grandeza, nunca com mesquinhez, com coisas pequeninas. Temos, pois, que reagir e a reação está se formando contra o exército de pigmeus, esse formigueiro de mediocridade, que hoje morde o Brasil, em toda a sua pele, com um apetite e uma ferocidade de formigas esfomeadas, mas que passam de formigas – cegas, agitadas, inconscientes do mal, que estão fazendo ao País, ao seu povo, ao mundo.

(...) Não sei o que fazer à distância, para ajudar esse povo. Talvez, tentar mostrar o mundo, que o Brasil não é apenas um país de vândalos, ineptos e insaciáveis de lucros e vinganças, mas, também, um país onde há homens que pensam e que se sentem como criaturas humanas...

Precisa trabalhar. Seu saber era reconhecido internacionalmente. Recebeu dezessete convites de governos e universidades de diversos países para trabalhar e lecionar. Escolheu a França, onde lecionou nas renomadas instituições de ensino superior, como a Sorbonne e Vincennes, onde trabalhou até os seus últimos dias.

O calvário de Josué de Castro foi imenso, como escrito acima, estava proibido de regressar ao país, foram dez anos de muitas saudades, a vontade imensa de regressar à Pátria querida, de ver e conversar com os seus amigos, seus admiradores.

Viajou pelos quatro cantos do mundo fazendo palestras, conferências. Não se conformava, nem poderia, com a cassação dos seus direitos políticos.

O seu biógrafo nos diz que, "O exílio representou um grande tormento para Josué de Castro, tendo sobre ele um efeito depressivo. Cer-

ta vez, ele disse no exterior a alguns amigos: 'Não se morre só de enfarto ou glomeronefrite crônica... morre-se também de saudade.'"

Embora sentindo-se doente e desanimado, Josué de Castro, imaginava poder voltar ao País e retomar as suas atividades, a partir de abril de 1974, quando se encerrava os dez anos da cassação dos seus direitos políticos. Havia solicitado, insistentemente, ao consulado brasileiro, a revalidação do seu passaporte e esperava ansioso.

No dia 24 de setembro de 1973, aos sessenta e cinco anos de idade, José de Castro foi encontrado morto, em sua casa pela sua esposa Glauce, dias depois, as instâncias da ditadura apresentavam à sua filha Ana Maria, uma peça burocrática de sabor kafkiano. Um militar vinculado ao Serviço Nacional de Informação – SNI, comunicava-lhe, em nome do seu chefe, que havia sido revalidado o passaporte e lamentava o 'detalhe' de o processo somente ter se concluído após ele não estar mais entre os vivos. Eis o documento:

Brasília, DF, 28 de setembro 73.

Exma. Sra.

D. Anna Maria de Castro

Saudações.

Incumbiu-me o Sr. General Fontoura de dirigir-lhe estas linhas.

Trata-se da resposta que ficou de dar-lhe, pelo telefone, entretanto, o assunto estava sendo tratado no Itamarati.

Só hoje foi possível a resposta, aliás, favorável.

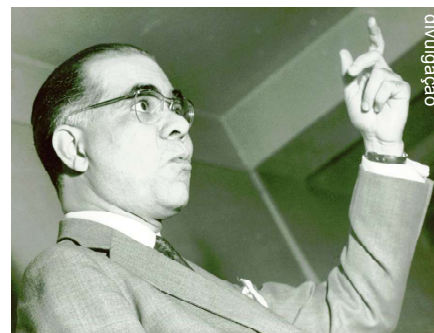
Lamenta, por outro lado, o general que a resposta tenha sido tardia e apresenta, por meu intermédio, seus pêsames.

Atenciosamente,

Cláudio Barbosa de Figueiredo

Cap. AJ 0 ch SNI

"Não foi na Sorbonne, nem em qualquer outra universidade sabia, que travei conhecimento com o fenômeno da fome, o fenômeno se revelou espontaneamente aos meus olhos, nos mangues do Capibaribe nos bairros miseráveis nos bairros do Recife: Afogado, Pina, Santo Amaro, Ilha do Leite. Esta é que foi a minha Sorbonne: A lama dos mangues do Recife, fervilhan-



Josué de Castro

do caranguejos, e povoada de seres humanos, feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejo.

Criei-me nos mangues lamacentos do Capibaribe, cujas águas fluindo diante dos meus olhos, ávidos de criança pareciam estar sempre a me contar uma longa história.

Eu ficava horas e horas imóvel, sentado no cais, ouvindo a história do rio, fitando as suas águas correrem, como se fosse uma fita de cinema.

Foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira, escravizada à angústia de encontrar o que comer.

Pensei a princípio: que a fome era um triste privilégio dessa área onde eu vivia – a área dos mangues. Depois verifiquei que, no cenário da fome do Nordeste os mangues era uma verdadeira Terra da promessa, que atraía os homens vindos de outras áreas de mais fome ainda.

Era um curso inteiro que eu fazia sobre a fome, quando via, com interesse sempre crescente, as intermináveis histórias, contadas por meu pai, sobre as agruras sofridas pela nossa família, na seca de 1877."

Josué de Castro foi, também, presidente da Associação Médica Internacional, para o Estudo das Condições de Vida e Saúde (AMIEVE), e tomou parte, a convite de Jean-Paul Sartre ao lado Bertrand Russel, no Tribunal Universal de Julgamento das Atrocidades dos Estados Unidos da América do Norte no Vietnã.

Josué de Castro ganhou o Prêmio Internacional da Paz.

Geraldo Pereira é escritor, jornalista e conselheiro do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.



Poemas portugueses – Raquel Naveira

Rita de Cássia Pacheco Limberti

*Pelo oceano da Poesia
Regressaremos juntos
As fontes,
As raízes,
À glória de Portugal.
(poema “Dom Sebastião”, p. 14)*

Recebi das mãos da poetisa sul mato-grossense Raquel Naveira, um exemplar do magnífico “Poemas portugueses”. Que livro! Personagens históricos, lugares, pessoas da família, todos e cada um é reverenciado em sua condição de origem, de gênese, em sua ancestralidade. Sem dizer “obrigada”, Raquel celebra a gratidão liricamente, desenha sua própria imagem, avêluda seu perfil, olha-se no espelho. Que beleza aparece refletida! Debruçada sobre si mesma, consegue o distanciamento mínimo necessário para obter o foco de sua fisionomia afetiva, que se revela no fundo de seus olhos escuros, de seu olhar profundo (“Sempre choro / Ou estou para chorar”), no seu jeito doce de sentir pena de tudo (“Como se eu devesse a Deus e aos homens / Mil perdões”), de ver beleza no que é triste (“Todo prazer / Transformo em mágoa.”). A apresentação, escrita pela própria autora, explica com certa modéstia o admirável percurso que cada um dos poemas seguiu até estarem todos reunidos neste livro. Como venturosas caravelas, cada um dos poemas singrou mares em rotas próprias (cada grupo deles foi publicado em outros livros) e vieram todos baixar âncoras nessa cintilante antologia. Que maravilhosa viagem Raquel empreendeu em cada um!

A navegação, em si, já se orienta pelo sentido que todos buscamos: quem sou eu? O enigma está nas inúmeras repostas que elaboramos ao longo da vida, que consiste no fato de elas nunca se conterem na primeira pessoa (eu) ... As respostas estão sempre no outro, em alguma coisa extrínseca, fora de nós mesmos. É o espelho... para nos vermos, temos que olhar para o que nos rodeia, para o que está a nossa frente, para fora de nós... e, temporalmente, devemos retornar ao útero de nossa existência, mais que o útero físico materno, o útero do tempo - sem ponteiros ou algarismos -, aquele que guarda a marca cósmica de nosso engendramento...

Então, em algum momento passamos a existir... mas não lembramos... Quando nos damos conta, já nos assujeitamos (já nos tornamos um sujeito)... temos um nome ... e já chegamos dentro do curso de uma história... Tanta coisa já aconteceu... pegamos o script e entramos para desempenhar nosso papel...

Raquel elabora essa viagem em busca de si mesma... cada poema percorre um trecho da rota em direção a sua gênese... caravelas valentes, balouçando no mar bravo de sua existência... O caminho é longo, revolto, incerto... e, nas vagas, cada nau vai deixando no rastro de espuma, um lampejo identitário... *Maria do Adro*, *Maria da Fonte* (“Por fora, perfume vago de magnólias, / Por dentro, mulher úmida e quen-

te.”), *Maria da Penha* (“Meu orgulho / Tornou-me penha.”), *Menina dos Rouxinóis* (“Sou a menina dos rouxinóis, / Desafio o mundo”)...

Os personagens mais ilustres da história de Portugal, ela os traz com intimidade: ora os trata em primeira pessoa (“Bravo Dom Sebastião, / Virás salvar-me”), ora os incorpora, como em *Inês de Castro* (“Pedro, / Faze-me rainha.”)... Juntam-se a eles *Leonor Telles*, *Dom Henrique*, o *Navegador*, *Cabral*, constelação norteadora do caminho perigoso pelo *Cabo Bojador*, *Cabo da Tormentas*, *Cabo da Boa Esperança*... Essa primeira etapa da viagem é vencida: conhecemos a *Senhora* (livro de poemas em que esses primeiros poemas estão contidos, na parte intitulada *Senhora do Adro*).

Ei-la! Como é belo seu perfil, sua estirpe nobre e altiva; segura de si e arrebatada, conduz a nau com coragem. É o seu *Sangue português: raízes, formação e lusofonia* (razão de sua sensibilidade e intrepidez, além de ser o título de outro livro de poemas) de onde vieram os poemas mais líricos de toda a obra: *Sangue Português*, *Língua Portuguesa*, *Figueira da Foz* e *Só se Vestia de Preto*. Com um apelo pungente ao âmago de sua essência, ela iça as velas principais de sua travessia: seu sangue, sua língua, seu lugar de origem e sua avó.

Em *Sangue Português*, ela toma a voz do avô, assume seus sonhos e sentimentos: “De-sejei tudo: / Uma nova estrela, / Uma nova sorte (...) Estaria morto, / Absorto em mim mesmo, / se não tivesse partido (...) Mas sei que fiz jus / Ao meu sangue português.” Em *Língua Portuguesa*, ao conversar com seu próprio idioma, vaticina seu dom e seu talento, seu fado e sua sina – ser poetisa: “Que minha poesia se erga, / Gótica e galaica / Como a torre de Belém!” Em intrigante metalinguagem, a artista dialoga com seus versos, falando de seus próprios versos; conversa com sua língua, falando em sua própria língua. Fala da língua, para a língua, pela língua. Fala com os versos, dos versos, em versos. Bárbaro!

Figueira da Foz é a bela metáfora da árvore genealógica: “Figueira, / Árvore sagrada, / Leitosa, / Cujos frutos / Se abrem roxos, / Testículos do outono.” É pungente a partida dos avós (Deixaram a pesca, / O sal, / Os navios / Os molhos de trigo) e há um elemento transcendental e místico “Um albatroz acompanhou a viagem” (o Espírito Santo?) “Em nenhum momento se sentiram sós, / Havia um chamado, / Uma missão, / Uma voz”. Tem-se fortemente presentes, apontadas pelo próprio campo semântico, a fé e a religiosidade (“não se sentiam sós”, “chamado”, “missão”, “voz”), assim como a descendência e a tradição (“Por isso há dentro de nós/ Sementes de figo / E gotas do Mondego.”), marcadas pela exuberância léxica do sentido de fertilidade dos termos “sementes” e “gotas”.

Só se Vestia de Preto apresenta o fenótipo da alma lusitana. Com figuras belíssimas (“No inverno / Envolvia-se num manto de treva”) “O negror se instalou dentro dela / Como a morte de um sol.” “Às vezes, o seu colo me parecia

uma nuvem preta, / Inchada de chuva,” (...) “Carregava seu fardo preto / Com a dignidade e a renúncia / De uma noite sem lua.” Interessante é notar que até nessa descrição da avó – que ela faz pela voz da mãe – aparece a figura da viagem de travessia: “O seu coração era um oceano / De águas profundas / Onde ela singrava, / Impávida, / Como um navio de velas negras.”

Sangue Português: Raízes, Formação e Lusofonia – Primeira Parte traz ainda, como *Senhora*, personagens ilustres: *Bocage*, *Florbela Espanca*, *Dona Maria*, *a Louca*; lugares emblemáticos: *África*, *Cabo Verde*, *Moçambique*, além de inusitados deslocamentos de personagens ilustres: *Lord Byron em Sintra*, *Ricardo Reis no Rio de Janeiro*, *Camões em Macau*, além de outros poemas.

Do livro *Casa de Tecla*, tem-se o DNA lusitano: *Camões*, *Língua Portuguesa* e *Alma Portuguesa*. Sintomaticamente, nos versos de *Camões* e de *Língua Portuguesa*, aparecem as figuras da navegação, da travessia, da viagem do descobrimento (de si mesma). No poema *Camões*: “Meu corpo todo tremeu, / Como nau no oceano, / Mergulhei num mundo sombrio, / Num labirinto de sal.”; no poema *Língua Portuguesa*: “Oferenda consagrada a ti, / Ao Tejo, / Às espumas do mar.”

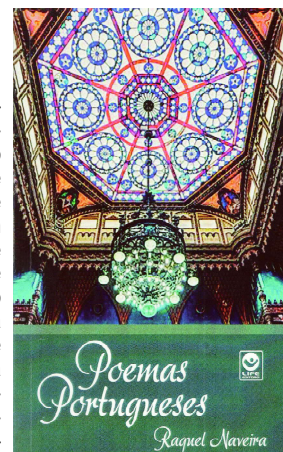
Do livro *Jardim Fechado: uma Antologia poética*, “Sete Saias” é o único poema que compõe o *Poemas Portugueses*. Nele também se encontra a figura do mar: “São sete ondas, / Sete virtudes, / Sete cores” (...) “Dorme na areia / A mulher de Nazaré”.

O último poema do livro é um poema inédito: *Lisboa Chorou (a Amália Rodrigues)*. Ao falar da morte, já não fala de naus. Fala de gaivota... não é mais navegação, é voo... (“a alma de Amália / pairou liberta, / Gaivota melodista. / Lisboa chorou / o voo de sua fadista.”) Voo... A viagem continua...

Todas as ocorrências de alusão à viagem marítima assentam o sentido de deslocamento, de procura, de busca, de descoberta. A história lusitana se escreveu nas vagas marítimas... a história dos avós iniciou-se ao lançarem-se ao mar... está na alma portuguesa... (“navegar é preciso / viver não é preciso”). É destino, é sina, é fado.

Raquel empreende sua viagem no mar etéreo da poesia... este é o seu fado. Uma fada fadada a ser poetisa!

Rita de Cássia Pacheco Limberti é
semioticista e crítica de arte.





Vou-me embora para a Síria

Rosani Abou Adal

Vou-me embora para a Síria.
Aqui a felicidade foi embora
sem pressa de regressar.

Vou-me embora para a Síria
Lá jamais se perde a ternura,
a fé, a esperança e o amor.

Vou-me embora para a Síria.
Lá não serei amiga do rei,
não terei amigos para dividir o pão.

Vou-me embora para a Síria.
Aqui sou inimiga do rei,
vejo o dia cinza em plena alvorada.

Vou-me embora para a Síria.
Aqui os dias cinzentos afloram,
entristecem nossos corações
e nossa ternura fica vulnerável.

Vou-me embora para a Síria.
Lá cobrirei a cabeça com o lençol
para me proteger das bombas
que ecoam no assoalho
como fazia meu pai
quando era menino.

Vou-me embora para a Síria.
Aqui cubro a cabeça com o lençol
para me proteger das bombas
que ecoam em minh'alma.

Vou-me embora para a Síria.
Aqui não posso mergulhar
sobre o óleo que encobre
as águas do mar Atlântico,
não posso montar num jegue alado
para sobrevoar Brumadinho,
Mariana, a Amazônia em chamas.

Vou-me embora para a Síria.
Lá tomarei banho no mar Mediterrâneo,
montarei em meu camelo alado
e sobrevoarei Damasco, Alepo,
Orontes, Baradá e Eufrates.

Vou-me embora para a Síria.
Aqui no meu leito,
cubro a cabeça com o lençol
para me proteger dos meus medos.

Vou-me embora para a Síria.
O sono foi embora para Damasco.
Fecho os olhos, não consigo dormir.
Os sonhos me acalentam
para um novo amanhecer.

Rosani Abou Adal é vice-presidente do Sindicato dos Escritores do Estado de São Paulo. Autora de *Manchetes em Versos*.

Sob o signo do sonho

Alice Spíndola

Ó, tu, que pisas o vento,
derrama taças de poesia
nas rezas
que tu fizeres por mim!

Serei a rosa,
que abrigas em tuas mãos,
e, intacta, permanecerei
em teu canto de amor
e em tua vigília do imprevisível.

Conquistas-me
pelo segredo de tua palavra,
quando tu reges
a sagrada luta
de suplantar o Tempo:
indo em teu veleiro de sonho,
singrando um mar de signos.

Na voz ofertada,
às terras distantes,
buscas o fôlego que te redime
deste desespero diário.

De tua sinfonia do cotidiano
a sutil reflexão a cerca do eterno.

**Alice Spíndola é escritora, poeta, contista,
tradutora e artista plástica.**

OS MENINOS

Raymundo Farias de Oliveira

Onde estão aqueles meninos,
os antigos meninos de minha rua?
Onde estão aqueles pássaros livres
e suas ruidosas revoadas
de patins e carrinhos de rolimãs?
Falavam todos ao mesmo tempo
no santo parlamento da infância
e eram a alegria de minha rua...
Ah, os meninos se foram
na carruagem do tempo
e deixaram um silêncio pesado
no triste deserto de minha rua...

**Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e
Procurador do Estado aposentado.**

Manchetes em versos de Rosani Abou Adal

Capa e o projeto gráfico são de Xavier - Xavi
Prefácio de Raquel Naveira



Linguagem Viva: linguagemviva@linguagemviva.com.br
Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>



A CORTINA INVISÍVEL

Enéas Athanázio

Nem os amigos mais chegados poderiam suspeitar. Era assunto situado numa região em que as confidências não chegavam e que ele defendia apenas para si. Na verdade, o próprio Janary Messias encarava aquilo com surpresa e sua alma de campeiro ficava um pouco escandalizada com o inusitado da situação. No seu íntimo se misturavam o receio do sacrílego e o prazer daquela sensação estranha.

Aquilo começou há muito tempo e fôra evoluindo devagar sem que ele percebesse. Desde mocinho o advogado cultivava com fervor aquela devoção e não foram poucas as situações difíceis em que apelou à Santa. Eram apelos silenciosos e secretos, na paz da igreja vazia (só assim a frequentava), no movimento da rua, nas lutas dos tribunais. E tinha a convicção de que nem uma vez ficara ao desamparo.

A Santinha era um ente familiar e com ela conversava sem rodeios ou formalidades, até mesmo reclamando quando tardava algum atendimento. Conhecia-lhe a vida e as virtudes, embora não fosse muita coisa, pois era pouco venerada na sua região. Conhecia as poucas imagens existentes por ali e não se cansava de admirar uma delas, de faces cândidas, e cujos olhos muito vivos pareciam brilhar de alegria quando ele se aproximava. Nas poucas visitas que fazia à mãe, na Fazenda do Umbu, a velha ficava admirada com o seu interesse por aquela Santa, quando conseguia arrastá-lo até a capela. Tinha o filho doutor como ateu incurável e Janary temia que ela desconfiasse de alguma coisa inconfessável.

“Ora, mamãe! – replicava. – É curiosidade.” Explicava todo atrapalhado.

Mas era na cidade, longe do olhar atento da coronela do Umbu, que ficava à vontade. Postava-se diante da estátua por longos minutos, como que decorando detalhes. Admirava a nobreza da testa, o brilho do olhar, a suavidade do queixo, as covinhas do rosto. “Que pessoa maravilhosa! – pensava. – Por que morrer tão jovem?” E dali, humilde e devoto, atirava-lhe pedidos e orações.

As visitas espaçadas foram ficando mais seguidas e acabaram quase diárias. A um amigo e companheiro de viagens que notou aqui,

lo, justificou com a arte da imagem, os dotes do escultor. O outro, caboclo sestroso para quem essas histórias de arte eram coisa de maricas, fez cara de gozo e largou uma gaitada.

“Ué, gente! Ué, gente!”

Mas Janary sentia que a coisa se agravava. Examinando processo ou estudando algum tratado, a imagem santificada se intrometia no vão das páginas e aquele rosto suave parecia colocar-se diante dele. Via com nitidez os olhos brilhantes e as covinhas das faces se movendo num sorriso que em outra pessoa, em outra mulher, ele diria... matreiro! Mas aquela idéia era um absurdo, uma barbaridade! Persignava-se, pedia perdão, caminhava horrorizado pelo escritório, esforçava-se para mudar de pensamentos.

Às vezes acordava durante a noite. Ficava silencioso no quarto escuro, estirado na cama de solteiro. Não tardava e a Santinha assaltava sua imaginação. Imaginava-a vestida em roupas modernas, com os cabelos soltos, jóias, alguma pintura no rosto pálido. Como ficaria linda! Via-a sorrindo – pela primeira vez – com a dentadura alva e perfeita iluminando as faces. Era tão forte aquela fantasia que esticava os braços para fora das cobertas como se quisesse tocá-la. Mas o ar gelado da noite agredia-lhe as mãos e Janary recaía na realidade solitária. Levantava-se, caminhava pela casa, rezava. Tinha a sensação aguda de que fazia alguma coisa errada, apesar do lirismo e da pureza daquele sentimento que o abismava.

Procurava distrair-se. Corria de carro a cidade e os arrabaldes, metia-se nas rodas do Café, permanecia muito tempo nos grupos do Fórum. Tentava interessar-se pelas coisas da política, sua velha cachacha.

Tudo inútil.

Mal sentava à mesa do escritório e a silhueta esguia começava a esboçar-se. A figura feminina ia se desenhando nos menores detalhes e ele via, ao alcance da mão, a mulher mais linda que poderia imaginar, beleza viva, colorida, brilhante, como se dela se desprendesse uma aura. E ela sorria com suavidade, os olhos cheios de ternura.

A qualquer tentativa de aproximação, o quadro mudava, ia se desvanecendo, ia se apagando como se uma cortina invisível se colocasse entre os dois.

Janary procurava conversar mas suas palavras ecoavam sem resposta no escritório. O sorriso dela, no entanto, acen- tuava as covinhas e o brilho sem igual daqueles olhos.



Vinha-lhe o impulso irresistível de ir à igreja e se postar diante da imagem. Tinha ímpetos de ir ao Umbu e aconselhar-se com a mãe; de procurar o padre Pedro. Mas recusava. Eles iriam imaginar que não estava bom da cabeça. E nunca estivera tão lúcido!

O advogado procurava pensar, analisar as coisas com frieza, esquadri- nhar tudo com a lógica que aplicava aos seus casos. Esquentava a cabeça e a nenhuma conclusão chegava, ou chegava sempre à única conclusão – estava apaixonado pela Santa! Uma paixão frenética e desesperada como a do colegial pela primeira namorada, uma paixão avassaladora que absorvia o corpo e a mente, que roubava o sono e perturbava a paz.

Sabia que era um amor irrealizável e um sentimento sacrílego que precisava combater. Mas seu esforço era vão. Quanto mais lutava mais se sentia dominado.

Perplexo, impotente, descontentado, resolveu deixar que o Tempo corresse.

Temo é remédio.

E o Tempo passou.

Passaram os dias, passaram os meses, passou o ano.

Janary Messias estava feliz, vivia alegre e satisfeito. Incapaz de vencer aquele amor, a ele se entregou. Varreu da consciência os medos e os preconceitos, convencido de que a correspondência da Santa era prova de que não havia mal.

Porque ela, a cada dia, chegava mais perto, sorridente e bela. Ainda havia a cortina invisível, separando, mas no futuro ela teria que desaparecer.

Essa certeza enchia-lhe o coração.

Enéas Athanázio é escritor, contista, biógrafo, editor e advogado.

Dia Mundial do Idoso

José Peixoto Jr.

A velhice é uma beleza!... faz anos que entrei nela, eu nem me dou conta dela, embora dê mais despesa; caduquice ou caduqueza,

melhor será não pensar, bom mesmo é comemorar

enquanto a vida se estica, quanto mais velho se fica, mais velho se quer ficar.

José Peixoto Jr. é escritor, poeta, advogado e membro da Associação Nacional de Escritores.

VÉSPERAS de NATAL

Débora Novaes de Castro

Natal já acenando com suas luzes coruscantes, pequeninas e prateadas, apregoando a festa natalina...

Natal dos presépios, do trenó do “bom velhinho”, dos sapatinhos infantis nas janelas da saudade...

Ainda na memória, os sinos repicando... abraços, beijos, presentes... e a alegria das crianças à véspera do Natal.

Natal dos Natais de Belém, da Galileia! “E darás à luz um filho e chamarás o seu nome JESUS.” !!! Mateus 1:21

Natal, 2019.

Débora Novaes de Castro é escritora, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica – Intersemiose na Literatura e nas Artes, pela PUC-São Paulo, 2004.

Profa. Sonia Adal da Costa

**Revisão -
Aulas Particulares**

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



Livros e CD

Camões na Rua: Antologia, poemas de Luis de Camões, organizada por Anderson Braga Horta, Thesaurus Editora, Brasília (DF), 140 páginas. ISBN: 978-85-409-0456-9.

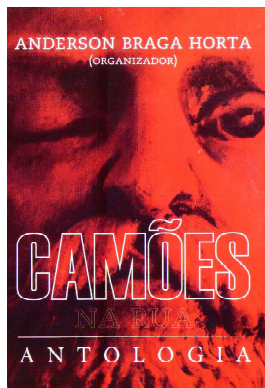
O livro contou com o apoio cultural da Academia Brasileira de Letras.

A obra reúne redondilhas, sonetos e fragmentos de *Os Lusíadas*.

Segundo o editor Victor Alegria, "Ao publicarmos esta antologia temos em vista que o autor criou os parâmetros mais sólidos da nossa língua e a sua profissão, imagine, corresponderia hoje ao que seria um fuzileiro naval."

Anderson Braga Horta afirma que "Camões é o condestável, sem rei acima dele. É o Consolidador. Nesse sentido, é o clássico por excelência."

Thesaurus: www.thesaurus.com.br

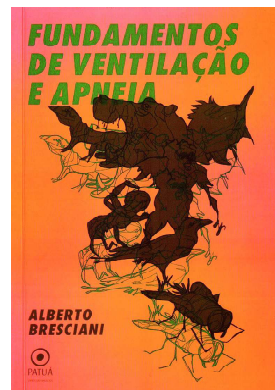


Fundamentos de Ventilação e Apneia, poemas de Alberto Bresciani, Editora Patuá, 144 páginas, São Paulo (SP). ISBN: 978-85-8297-765-1.

O autor é poeta, escritor, advogado e ministro do Tribunal Superior do Trabalho. É autor de *Incompleto Movimento*, *Sem Passagem para Barcelona*, entre outras importantes obras. Foi finalista do prêmio APCA de Literatura - Poesia de 2015).

Segundo Noélia Ribeiro, Em *Fundamentos de Ventilação e Apneia*, Alberto Bresciani materializa o flerte que manteve com a temática dos animais, nos seus livros anteriores, *Incompleto Movimento* e *Sem Passagem para Barcelona*. Equipado pelo refinamento imagético próprio de sua poesia, o poeta embrenha-se no universo de ursos, golfinhos, hienas, carpas, corujas, entre outros, como um taxidermista da palavra, ávido por ressignificar a si, o outro e seu tempo."

Patuá: www.editorapatua.com.br



Ayrton Mugnaini Jr. no Jardim da Infância, CD com composições de Ayrton Mugnaini Jr., Produções Mugayr. A capa é de Martha Maria Zimbarg.

Faixas do CD: Manifesto Infantil - Ayrton vocal, violão, guitarras, contrabaixo e bateria.

Nanico - Coral "Pocinho" da escola O Poço do Visconde vocal-solo, Rosa Amélia Figueiredo Silva teclado, Thelmo Cruz pandeiro, Thiago Chan bateria e Ayrton violões, tímpano e contrabaixo.

Quem quer Pipoca (Ayrton e Carmen) - Carmen Flores vocal-solo, Amélia Marie Quoniam vocal e Ayrton vocal, guitarras, teclado, contrabaixo, pandeiro e programação de bateria eletrônica.

Hoje tem Circo! - Ayrton vocais, violão, guitarra, contrabaixo e surdo.

Hidratação - Vera Mendes vocal-solo, Wilson Rocha e Silva cavaquinho e Ayrton violões, guitarra, contrabaixo e pandeiro.



Melzinho - Verônica Tamaoki vocal-solo e Ayrton violão, guitarra, contrabaixo, bateria e vocais.

Sou Lixeiro (Ayrton, Túlio e Luis) - Túlio Andrade, Luiz Antônio da Silva trompete e Ayrton vocal, banjo, guitarra, contrabaixo e bateria.

Tá tudo muito bem mas eu quero a mamãe! (Ayrton e Carmen) - Carmen Flores, Amanda Flores Campadello flauta e vocal, Carmen

Flores vocal-solo, Diego Sonna vocal e Ayrton vocal, cavaquinho, contrabaixo e programação de bateria eletrônica.

Bagunça - Ayrton: vocal, guitarras, cavaquinho, contrabaixo e programação de bateria eletrônica.

Marinheiro Empreendedor - Ayrton violão, cavaquinho, pandeiro, apito e vocais.

Marchinha da Aurora - Ayrton vocais, violão, cavaquinho, berimbau, guiro, pandeiro e surdo.

A Mila (Ayrton e Martha) - Martha Maria Zimbarg vocal-solo, Neide Fernandes vocal e Ayrton vocal, cavaquinho, guitarras, contrabaixo e bateria.

Cadê o Doce - Ayrton cavaquinho, guitarras, contrabaixo, vocal-solo e coro e Gi Vincenzi percussão e vocal.

Isto é o Samba - Coral Poço da escola O Poço do Visconde vocal-solo, Rosa Amélia Figueiredo Silva teclado, Thelmo Cruz pandeiro, Thi-

ago Chan bateria e Ayrton cuíca, tamborim e contrabaixo.

Bailarina Palhaça - Ayrton guitarras, violão, teclados, contrabaixo e bateria.

Ode à Menina Bauauá (Ayrton e Ivo) - Ivo Tonso Mugnaini vocal-solo, Ayrton cavaquinho, contrabaixo, claves, pandeiro, vocal-solo e vocais, Marcos Mamuth guitarra e Carlinhos Machado bateria.

Irmão não é Igual (Ayrton e Vera) - Vera Mendes vocal-solo, Ayrton vocal, violão de seis cordas, violão de 12 cordas, cavaquinho, contrabaixo, guiro, agogô, chocalho e programação de bateria eletrônica.

Dadadã Lelelé (Ayrton e Ivo) - Ivo Tonso Mugnaini vocal e Ayrton vocal, violão, cavaquinho, contrabaixo, agogô e programação de bateria eletrônica.

Ayrton Mugnaini Jr.: mugayr@hotmail.com - (11) 99116-3027.

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!

Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.

XAVIER

CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS. 2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.



O Grupo de Literatura e Teatro Transa Poética promoveu, em dezembro, a campanha solidária Resgate da Alegria - Natal Sem Fome. O espetáculo de encerramento realizado no dia 20 de dezembro, no Centro Cultural Hermes de Paula, contou com a participação dos artistas do grupo Alice Melo Lopes, Elcio Lucas, Karla Celene, Haroldo Coelho, Mirna Mendes, Renilson Durães, Isabel Lôpo, Albino José dos Santos, Marlene Bandeira, Antônio Wagner, Marina Couto, Grupo Prego de Linha, Karol Calisto, Banda Glesh, Ataq Cardíaco, Zé Kakila, Bob Silva, André Águia, Márcio Caldeira, Suwaco de Cobra & Fraulen Kely. O Ingresso foi alimentos não perecíveis e brinquedos.

Ayrton Mugnaini Jr., escritor, poeta, compositor e músico, lançou o CD *no jardim da infância*, pela Produções Mugayr, com capa de Martha Maria Zimbarg.

A 3ª Feira do Livro da UNESP, promovida pela Universidade Estadual Paulista, por meio da Fundação Editora da UNESP, em parceria com a RPS Eventos, será realizada de 1 a 5 de abril de 2020, pela UNESP de São Paulo.

O I Colóquio de Políticas e Gestão da Educação será realizado de 27 a 29 de maio de 2020, no Núcleo de Extensão Educação, Tecnologia e Cultura do Campus Sorocaba da Universidade Federal de São Carlos. O tema será Os conselhos municipais de Educação e o exercício da gestão democrática. <https://bit.ly/2L6T3eP>

A Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, organizada pela Universidade de Passo Fundo, foi cancelada devido a problemas na captação de recursos para a realização do evento que seria realizada em março de 2020.

O IV Prêmio IPL – Retratos da Leitura, que busca iniciativas empreendidas por empresas do setor, agraciou na categoria Cadeia Produtiva, a Caixa de Cultura, SESI-SP, *A cidade da Gente*, Editora Olhares-SP e *Escritores Mirins*, Editora Guismofews-SP. Na categoria Organizações Sociais foram laureados *O Contágio pela Leitura*, Associação Comunitária Voluntários pela Leitura, do município de Água Nova-RN, *Palavras que Libertam*, Centro Cultural A História que eu Conto, com menores reeducando da Fundação Casa do Rio de Janeiro, e *Rede Beija-Flor*, Rede Beija-Flor de Pequenas Bibliotecas Vivas de Santo André, de duas professoras aposentadas que resolveram desenvolver ações de incentivo à leitura na cidade de Santo André, na Grande São Paulo. Em Mídia foram premiados *Kids Indoors* (DF/RS), de Gisele Barcellos de Oliveira e Catherine Léon; *Página Cinco* (SP), blog do jornalista Rodrigo Casarin no UOL, e *Revista Pessoa*, de Mirna Queiroz. Na categoria Bibliotecas foram agraciados a Biblioteca Comunitária Casa Azul (Paraty-RJ), Laboratório do Livro, Leitura, Literatura e Biblioteca (Libris), da Universidade Federal de Goiás, e Protagonismo Literário Dentro e Fora da Escola da Escola Municipal Brigadeiro Eduardo Gomes, de Natal (RN). O prêmio entregou ainda certificado de Honra ao Mérito à Cooperifa, de Sérgio Vaz, e aos teledramaturgos e diretor da novela *Bom Sucesso*, transmitida pela TV Globo.

Notícias

Beatriz Helena Ramos Amaral foi agraciada com o Prêmio Melhores do Ano 2019, em razão de atividades culturais e literárias desenvolvidas neste ano. A láurea foi entregue no dia 21 de novembro, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, no Auditório Franco Montoro, Av. Pedro Álvares Cabral, 201, em São Paulo.

Jorge Salomão, poeta, compositor, agitador cultural e performer lançou, pela Editora Gryphus, a antologia poética *7 em 1* que abriga a obra completa do autor. O texto de contracapa é de Nélida Piñon e a orelha é de Cristovam Chevalier.

O 61º Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, agraciou *Uma história da desigualdade*, Hucitec, de Pedro Ferreira de Souza, com o prêmio principal da noite e em primeiro lugar na categoria Humanidades do Eixo Ensaios. Na categoria Romance foi laureado *O pai da menina morta*, Todavia, de Tiago Ferro; em Crônica, *Pós-F*, LeYa, de Fernanda Young; em Contos, *Um beijo por mês*, Luna Parque, de Vilma Arêas; e *Jorge Amado: uma biografia*, Todavia, de Josélia Aguiar, com troféu de Biografia.

A Associação Nacional de Livrarias elegeu nova diretoria executiva para o biênio 2020/2021 que será presidida por Bernardo Gurbanov da Letraviva. Samuel Seibel da Livraria da Vila será o vice-presidente.

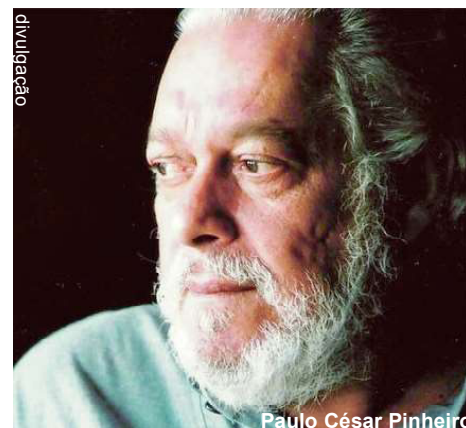
O V Prêmio ABEU laureou na categoria Ciências Humanas, *Suicídio: escutas do silêncio*, Unifesp, organizado por Fernanda Marquetti; em Ciências Naturais e Matemáticas, *Geofísica: uma breve introdução*, USP, Eder Cassola Molina e Fernando Brenha Ribeiro; e Tradução, *Tiestes*, UFPR, traduzido por José Eduardo S. Lohner.

A Editora UNESP lançou *Ensaio sobre a história da sociedade civil e Instituições de filosofia moral*, de Adam Ferguson, com tradução de Pedro Paulo Pimenta e Eveline Campos Hauck.

Andreia Donadon Leal, escritora, fez parceria com Luciane Carneiro, perfumista, para divulgar aromatizantes, perfumes, sabonetes, sachês com aldravias personalizadas para cada produto.

Cyrol Leão lançou o romance RAFAELA EM QUEDA, pela Editora Patuá.

O 3º Festival Nacional de Poesia Beagá Psui Poético está com inscrições abertas até o dia 31 de janeiro de 2020. Os interessados poderão se inscrever nas modalidades Lançamento de Livros, Cinema, Performances, Poesia ao Vivo, Poemas para Exposição, Poesia na Escola, Bicletada e Apresentações Musicais Compactas. O Beagá Psui Poético, que será realizado de 14 a 18 de março de 2020, propõe difundir as diversas manifestações artísticas a partir da arte poética. Interessados deverão enviar um breve resumo da atividade proposta e mini currículo. Inscrições: psiuipoetico@gmail.com ou sidneiameliasimoes@gmail.com.



Paulo César Pinheiro

Paulo César Pinheiro, poeta, contista, romancista, compositor e teatrólogo, lançou *Mil versos, mil canções* pela 7Letras. A obra abriga os principais trechos de mais de 2 mil composições do autor. Paulo César Pinheiro nasceu no Rio de Janeiro em 28 de abril de 1949. Mais de 1.400 músicas foram gravadas por diversos intérpretes. Lançou 10 álbuns. É autor de trilhas para cinema, teatro e TV e dos livros de poesia *Canto Brasileiro*, *Viola morena*, *Atabaques, violas e bambus*, *Clave de Sal* e *Sonetos sentimentais para violão e orquestra*. Foi agraciado com o Prêmio Shell de Teatro 2006 com a peça *Besouro Cordão de Ouro*, com o Grammy em 2002 e o Prêmio Shell pelo conjunto da obra em 2003.

Andreia Donadon Leal, escritora e artista plástica do Movimento de Arte Aldravista, tomou posse na Academia Marianense de Letras, no dia 30 de novembro, para ocupar a cadeira de número 9, cujo patrono é Alphonsus de Guimaraens Filho.

Fantina: *Cenas da Escravidão*, de Duarte Badaró, de 1881, Chão Editora. O romance narra a história de Frederico, casado com a viúva Luzia por interesse, que passa a exercer o direito de posse das escravas da fazenda e se dá início o drama de Fantina - jovem escrava de dona Luzia.

A Associação Paulista de Críticos de Artes laureou na categoria Literatura, em Romance, o livro *Crocódilo*, Companhia das Letras, de Javier Arancibia Contreras; Poesia, *Melancolia*, Record, de Carlos Cardoso; Contos/Crônicas, *Redemolinho em dia quente*, Alfaguara, de Jarid Arraes; e Infantil/Juvenil, *Enfim, Capivaras*, Companhia das Letras, de Luisa Geisler.

Associação Brasileira de Editores e Produtores de Conteúdo e Tecnologia Educacional - ABRELIVROS - elegeu nova diretoria e conselho fiscal para o biênio 2020 / 2021. Será presidida por José Ângelo Xavier de Oliveira (Moderna).

Luis Fernando Ayerbe lançou *Tempos de reinvenção: ordens antigas na desordem do mundo presente* pela Editora UNESP. O autor é professor-titular da UNESP, atuando no Departamento de Economia do campus de Araraquara e no Programa San Tiago Dantas de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UNESP, Unicamp e PUC/SP.